

Corpos silenciados em busca de identidade: espelhos que refletem a falta

Éderson Luís da Silveira¹

¹ Estudante da graduação de Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), RS. Bolsista de iniciação científica CNPq. Membro do Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GEAD/FURG). E-mail: ediliteratus@gmail.com

RESUMO: No presente trabalho propõe-se uma reflexão a partir de uma interface entre Análise do Discurso e os Estudos Culturais. Desse modo, o foco de análise será o estudo acerca dos padrões de beleza (per)seguidos na sociedade, enquanto evidência das relações de poder existentes em relação ao feminino enquanto objeto de julgamento do Outro. Tomando o culto ao corpo ideal e as relações entre a mulher e a beleza construídas no imaginário social como paradigma, procuraremos analisar como ocorrem as subjetivações da mulher enquanto *locus* de indício dos processos de formação de identidades a partir da (des)identificação social. Apresentaremos alguns pressupostos da AD francesa para efetuar gestos de interpretação com a intenção de compreender como estão situadas na atualidade as discursivizações sobre o papel da mulher na sociedade a partir do discurso da falta. Nesse sentido, consideraremos o fato de que a beleza está ligada à condição *sine qua non* de ser vista pelo Outro e julgada afirmativamente por ele, bem como procuraremos estudar os apagamentos que emergem dos efeitos de sentido gerados.

Palavras-chave: Mulher. Beleza. Imaginário Social.

ABSTRACT: Bodies silenced in search of identity: mirrors that reflect a lack. In the present work proposes a reflection from the discourse analysis and Cultural studies. Thus, the focus of analysis is the study of beauty standards followed in society, while evidence of the existing power relations in relation to the female while the other trial object. Taking the cult of the perfect body and the relationship between the woman and the beauty built in social imaginary as a paradigm, we will analyze how the established online of women while *locus* that indicts the identity formation processes from the (not) social identification. We will introduce some assumptions of French AD to make gestures of interpretation with the intent to understand how are situated today the discursivizations about the role of women in society from the discourse of lack. In this sense, we will consider the fact that beauty is the *sine qua non* of being seen by others and judged positively by it as well as we will study the deletions that emerge from the effects of sense generated.

Keywords: Woman. Beauty. Social Imaginary

1 Introdução

O imaginário sobre a mulher está relacionado a uma série de discursivizações que evidenciam seu papel na sociedade. Conforme Strozemberg (1986), o receptor nunca responde passivamente uma mensagem, mas a interpreta e reelabora, na medida em que toda interpretação é uma leitura. Para a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), fundada por Michel Pêcheux, ao sujeito só é permitido interpretar a partir das limitações impostas pela Formação Discursiva em que este estiver inserido. Antes de prosseguir, vamos elucidar estes conceitos.

Segundo Alós (2004), a AD tem por característica reformular-se através da configuração de novas demandas que atendam ao campo dispositivo teórico reconfigurado com o dispositivo analítico. É uma teoria que trabalha com gestos de interpretação a partir das condições de produção em que se vão inserindo os sentidos na sociedade a partir das discursivizações. Para a AD, é pertinente perceber como o sentido é produzido, onde circula e o que essa “liberdade” implica, já que ele é continuamente (re)atualizado no interior das formações discursivas. Para tecer gestos de interpretações que permitam perceber o dito e o não-dito através do que foi dito e silenciado, por exemplo, a AD nega a possibilidade de haver o discurso óbvio, pois nela, o sentido não é transparente. Ao conjugar dispositivos teórico-analíticos de outras disciplinas, ela evidencia a interferência do histórico e do ideológico (bem como seu apagamento) no instante da construção de sentidos.

O conceito de Formação Discursiva foi formulado por Foucault (2012) e retomado por Pêcheux (2011) e é um dos conceitos-chave para entender a teoria da AD:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convecção, que se trata de uma *formação discursiva*. Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (...). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2012, p. 47, grifo do autor)

Formação Discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1998, p. 160, grifo do autor)

Nesse sentido, Pêcheux reconfigura o conceito de Foucault, sintetizando sua concepção de sujeito (posição ideológica a partir da qual o indivíduo pode atribuir sentidos dentro das limitações impostas pela formação discursiva em que se insere). Dessa forma a formação discursiva de Pêcheux é composta de uma rede produzida por diferentes posições-sujeito aproximadas através da formação ideológica em ambiente mais ou menos estabilizado, que determinam o que pode e deve ser dito e, em consequência, o que *não pode ser dito*.

Para que se possa entender a importância da história enquanto dispositivo teórico que pode nos auxiliar a perceber como ocorre a construção dos sentidos, podemos recorrer a Althusser que, retomando as teorias do marxismo-leninismo afirma que *são as classes que fazem a história* e que *a luta de classes é o motor da história* (ALTHUSSER, 1978). Neste sentido, podemos destacar que, para o marxismo-leninismo, no lugar do sujeito empírico (o Homem) estão as massas, ou formações heterogêneas em conflito. “É o conflito, funcionando como motor, que impulsiona o funcionamento histórico visto não como sucessão cronológica de eventos de caráter teológico, mas sim como uma cadeia de avanços e retrocessos, *rupturas*, enfim” (ALÓS, 2004, p. 491).

A ditadura da beleza é um exemplo desse ambiente de conflito que faz o motor da história girar. As mulheres lutam contra a ação do tempo, tentando se manter jovens e belas. A partir disso, partem em buscas frenéticas por produtos que prometam retardar o envelhecimento e manter sua beleza.

Porém, ao lutar contra o tempo, estabelecem uma luta contra si mesmas, ao deixarem direcionar que as percepções sobre sua imagem sejam percebidas a partir daquilo que o Outro espera que ela seja, em conformidade com um discurso da falta. Sempre lhe falta algo, seja um rosto ou um corpo em desordem com aquilo que a sociedade lhe cobra e que cobra a si mesmo, sem perceber, muitas vezes o sentimento de autoexclusão que se lhe é imposto, em busca de um corpo inexistente (conquistada esta ou aquela característica estética, o espelho interior lhe dirá que falta sempre outro elemento, outra parte a ser conquistada, em busca do corpo ideal/irreal).

Nessa medida, em face dos objetivos e do objeto deste estudo, esta pesquisa pode ser classificada como sendo de caráter descritivo/interpretativo e de abordagem qualitativa, na medida em que nos propomos descrever/interpretar os discursos que instauram processos de constituição do corpo feminino na contemporaneidade. Trata-se também de uma pesquisa de natureza bibliográfica, uma vez que utilizamos de categorias teóricas já exploradas por outros pesquisadores e porque é imprescindível que se faça um levantamento da bibliografia referente à temática estudada (MEDEIROS, 2008), como a coleta de informações e conhecimentos prévios acerca do problema para o qual se procura resposta (CERVO & BERVIAN, 2002) que, no caso dessa pesquisa, contemplará os autores que teorizam acerca do universo das sociabilidades atuais e das representações sociais sobre a estética do feminino enquanto unidade de representação a partir dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa em interface com os Estudos Culturais.

2 Sua majestade, o corpo: discussões acerca da estética e da exclusão social

Courtine (1995) apresenta, por meio de exemplos históricos, o fascínio da sociedade atual com o que ele chamou de *corpolatria*, uma obsessão desenfreada pelas partes que o compõem em uma busca para estabelecer um acordo com aquilo que se foi considerando modelo como o passar dos anos. Essa consideração vem ao encontro da opinião de Durif (*apud* DANIELS, 1999, p. 29), para quem “o corpo torna-se álibi de sua própria imagem”.

A atração que Charles Atlas exercia sobre o público dos anos 20 centrava-se na visão de um conjunto de uma pujança corporal harmoniosa; o sucesso de Jhonny Weismuller, nas salas de cinema dos anos 40, decorria da elegância natural de sua musculatura (...) A fascinação que o corpo de Schwarzenegger provoca sobre o público da telinha é de outra natureza: congelado sob a luz crua, quase cirúrgica (...) faz sobressair os mínimos detalhes de sua massa corporal. Estrias das fibras musculares, ramificações da rede vascular, palpitações de um tórax estufado: a imagem ideal do corpo que (...) hoje configura é aquela dos corpos destinados aos estudos anatômicos (COURTINE, 1995, p. 103)

Desse modo, em conformidade com um universo social em que a visão tornou-se o sentido privilegiado entre os demais (o corpo em conformidade com o que o Outro espera de mim em padrões de aceitação), entram em evidência não o todo harmônico, mas as partes que o compõem. Na busca por explicações históricas que justifiquem este reposicionamento frente aos padrões socialmente aceitáveis, encontramos os estudos de Nahoum (*apud* NOVAES, 2003), que elege dois acontecimentos como preponderantes para possibilitar o entendimento de como ocorre essa mudança de direcionamento de uma visão de beleza corporal, que parte do todo harmônico para a visão das partes que o compõem.

O primeiro fator determinante, para Nahoum é a difusão das técnicas de feitura de espelhos, o que ampliou a utilização destes artefatos nas residências. Até o começo do século XVIII, o espelho era utilizado por uma elite apenas, devido à produção de baixa escala deste produto. Foi no século XX que o espelho começou a ser utilizado pelas classes populares, a ponto de banalizar o encontro dele em meio aos utensílios domésticos das pessoas da época.

O segundo está relacionado à educação que recebemos em relação aos nossos sentidos, na qual a visão recebe papel essencial no que diz respeito à percepção das representações corporais. Segundo o autor, foi esse segundo fator que norteou o modo como os homens passaram a perceber o corpo como objeto fragmentado de percepção, a espelho dos *flashes* captados pelo olhar humano.

Após a visão ser eleita como sentido privilegiado entre os demais começaram a se acentuar os sentimentos de pudor, o que modificou os modos de percepção sobre o corpo que havia até então. É aí que se iniciam o culto exaustivo às formas e os comportamentos relacionados ao corpo que vão aos poucos alimentando a exclusão da mulher enquanto ser que compõe um corpo estranho a seu desejo de realização.

A relação de dominação verificada no âmbito corporal se dá no sentido do indivíduo em relação ao corpo, e não o inverso. Cabe ao sujeito a responsabilidade no agenciamento de si, determinando, vigiando e balizando, balizando e observando suas próprias ações e seu comportamento. (NOVAES, 2003, p. 14)

Partindo da premissa de que os imperativos estéticos são produzidos e reforçados por expectativas socialmente instituídas (NOVAES, 2003), é possível inferir que nas relações com a Alteridade, no que diz respeito à imagem baseada no olhar do Outro, ocorre a atribuição de uma imagem depreciativa sobre si, por que a imagem que o

sujeito constrói sobre ele é o reflexo daquilo que esperam dele as convenções sociais de padrões da beleza instituídos socialmente. Dessa forma, os cuidados com o corpo refletem uma intencionalidade de estar preparado para o julgamento do outro.

Em relação às pessoas que estão em desacordo com os padrões estéticos estabelecidos, resta-lhes um desânimo perante a constatação de que seu corpo traduz o fracasso no agenciamento do próprio corpo e de seus limites. Aqui um fator determinante para essa produção de efeito de sentido é a defesa incessante da remodelação do corpo pregada pelos produtos estéticos, clínicas de emagrecimento e pelas revistas de celebridades e/ou colunas de jornais e revistas relacionados aos cuidados com o corpo que estimulam a comparação com o outro, devido ao constante “esclarecimento” de que algo sempre falta, algo está em desordem, e a culpa é do sujeito que não soube agenciar seu corpo dentro dos limites determinados por outrem.

3 A ditadura da beleza: circulação de discursos que se mostram e se ocultam

De acordo com Bakhtin (1986, p. 32), “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete uma e refrata outra.” Desse modo, a língua constitui a condição da possibilidade do discurso, e cabe ao analista do discurso investigar as condições de produção do discurso para averiguar os efeitos de sentido produzidos. Em consonância com isso, temos a fala de Pêcheux (1997), para quem a língua serve tanto para comunicar quanto para não comunicar.

Pierre Raymond [In: *Le passage au materialisme* Paris: Seul, 1973] chamou recentemente a atenção ao fato de que esse “meio” ou esse “instrumento” não é “instrumento técnico ou científico” e que essa “comunicação” não é *a priori* identificável às comunicações materiais fornecidas por diversos meios estudados em outros domínios, o que leva a pensar que a expressão “instrumento de comunicação” deve ser tomada em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que este “instrumento” permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em *primeira instância*, da *comunicação* de um sentido. (PÊCHEUX, 1998, p. 92-93)

Para a mulher, a beleza está associada a um dever cultural. Ser bela é ser magra e estar em conformidade com os padrões de beleza estabelecidos na/pela sociedade. Enquanto o “o homem público” remete ao dever social, a imagem da “mulher pública” (o próprio termo causa ambiguidade) encontra-se associada à aparência, o que refrata a realidade de muitas mulheres que não se encaixam nos padrões ideais. Porém, se refletirmos acerca da imagem que a mulher continuamente constrói sobre si (a partir do julgamento do outro) poderemos então perceber que até mesmo os indivíduos próximos dos padrões ideais de aceitação precisam manter o corpo que conquistaram. Acontece que, quando o corpo precisa ser mantido dentro dos padrões temos a desnaturalização dele, pois o corpo almejado e preservado nunca reflete a natureza real do indivíduo. Isso acontece porque, assim que a mulher atinge um objetivo estético

aceitável parte para outro ideal, a partir do direcionamento de suas atenções para a(s) parte(s) que lhe falta(m). O corpo então se torna fator de autoexclusão.

Temos então dois lados da mesma moeda: a constatação de que estar ou não belo implica aceitar os padrões da ditadura da beleza que as mulheres impõem para si mesmas e a autoexclusão daquelas que cobram de si excessivamente um ideal inatingível, que mina a autoestima de muitas pessoas (aquelas consideradas como “casos perdidos” em relação ao padrão estabelecido). Assim, temos a constatação de que o sentido nunca é evidente (de acordo com os estudos da AD), tornando-se pertinente estabelecer uma relação entre sujeito e sentido:

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1998, p. 160)

Como os sentidos não são evidentes e podemos dizer que um signo reflete uma significação e refrata outra (conforme já mencionamos antes), isso faz com que a ideologia interpele os sujeitos para que possam significar-se. Daí não se falar em sujeito, mas em efeito-sujeito (conforme ALÓS, 2004), em alusão a outra afirmação de Pêcheux, de que o sujeito é efeito de sentido entre os interlocutores (em consonância com a definição de discurso, que é efeito de sentido entre interlocutores). Assim, para Alós (2004), o sujeito não é um dado ou uma evidência, mas o resultado de um processo, conforme Althusser havia afirmado. Outro conceito importante para perceber a produção de sentidos que circulam na sociedade é a de ideologia

(...) é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que a palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1998, p. 160)

Para Pêcheux (1998), é a partir do entrecruzamento entre história e língua que surge o sujeito, não na superfície linguística, mas na superfície discursiva. A ideologia vai produzir sentidos evidenciadores de que certos enunciados estão sempre presentes, o que naturaliza os “constructos ideológicos discursivos como verdades absolutas e socialmente legitimadas.” (ALÓS, 2004, p. 507). De acordo com Indursky (2000, p. 71) “por todos esses traços que demarcam esse sujeito, a Análise do Discurso centra seu interesse nas diferentes formas de *representação do sujeito*”.

Na sociedade atual, uma das formas de representação do sujeito está ligada à estética. No mundo das imagens contemporâneas, existem muito mais mulheres do que homens. E, para reforçar os arquétipos de beleza associados à mulher nossa cultura a exhibe permanentemente. Assim, a imagem dos corpos femininos remetem ao desejo do outro, apesar do fato de que muitas mulheres conseguem fazer “escolhas” (reconfigurando-se dentro da formação discursiva em que estão inseridas) não

determinadas pelo discurso hegemônico, bem como identificar-se em outras posições-sujeito.

Desse modo, precisamos destacar que o que normatiza o corpo da mulher não é a continua exposição de corpos esbeltos na mídia e em modelos reconhecidas (de silhueta distinta daquela que está inserida, muitas vezes, dentro do universo de corpos encontráveis naquele espaço como no caso do Brasil, por exemplo, em que as modelos de passarela não refletem, em sua maioria a silhueta curvilínea das brasileiras, frutos da miscigenação cultural característica do país). O que ajuda a reforçar o controle sobre o corpo feminino é a circulação de discursos que afirmam que toda mulher “*pode ser bela, se assim o quiser.*” (NOVAES, 2003, p. 24, grifo do autor).

4 O imaginário sobre a mulher: sobre as (des)identificações e os apagamentos

A psicanalista Maria Rita Kehl (1998) em *Deslocamentos do feminino* afirma que somos herdeiros de discursos históricos sobre a mulher. Foram esses discursos que construíram um imaginário da mulher que foi se modificando com o passar do tempo até chegar aos discursos que temos hoje, que procuram definir uma “natureza feminina” eterna e universal.

O que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser objeto de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens-sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna- e não a verdade “da mulher”. (KEHL, 1998, p. 15-16)

Para Bhabha (1998), o conceito de diferença cultural vai ser preponderante na medida em que a diferença é vista como forma de representação de uma cultura em distinção às outras, ou seja, vai se formar a partir de um processo complexo de significação, em que vão sendo inseridas afirmações e instituídas práticas que dizem respeito a esta cultura que dizem respeito a ela e as outras na possibilidade de ver nas negativas (o que não caracteriza determinada cultura) os grupos sociais outros da sociedade.

Desse modo, é através do discurso que podemos apreender as formas de dominação inseridas nas relações de poder que existem na sociedade. Em uma sociedade continuamente povoada de *outdoors*, o horror à imperfeição torna-se tão genuíno quanto os discursos que o (re)produzem.

Identidade e diferença estão sempre entrelaçadas, já que no interior dos discursos de afirmação daquilo que sou, estão os discursos de negação, que remetem ao que não sou. Por isso, identificar-se implica em desidentificar-se com o outro, diferente de mim, que não partilha da mesma cultura. Se não percebemos essa relação é porque a forma como afirmamos isso tende a apagar nossa percepção daquilo que negamos ao afirmar familiaridade com esta ou aquela distinção. Se as identidades são fluidas, se reconstroem continuamente (SILVA, 2000), cabe aqui o questionamento sobre as razões que levam uma mulher a se identificar com o belo imposto (às vezes sem o

perceber, por estar interpelada pela ideologia de que “sempre foi assim”), já que isso implica uma tomada de posição contrária ao que significa a negação de ser belo na sociedade.

Estar em conformidade com os padrões estéticos socialmente aceitos ou na busca incessante por eles significa ativar uma cadeia extensa de “negações” ou expressões negativas de identificação com o outro, de diferenças distintivas. Por trás de afirmações como “seja magra”, “seja sedutora”, “seja bela” estão as negativas correspondentes “não seja gorda”, “não seja desprovida de sensualidade”, “não seja feia”. Esses discursos estão atravessando os discursos de afirmação e reforçando os silenciamentos impostos àquelas que não são belas, ou magras, ou sedutoras, mesmo que não estejam materialmente expostos, porque somados a esses discursos atuam nos processos de produção dos efeitos de sentido que, ao criar sentidos, desautorizam outros, refratando-os.

De acordo com Santos (2011), há lutas de representações durante os processos de construções identitárias, em que as construções de sentido devem ser observadas como forma de resistência a valores pré-construídos, que se ressignificam a partir das zonas de conflito estabelecidas. Aqui se torna necessário que seja considerada a concepção das condições de produção do discurso como o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em circunstâncias dadas (PÊCHEUX, 1998) e como mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso (idem). Para pensar o princípio de heterogeneidade, Pêcheux considerará a “necessidade de reconhecer a defasagem entre o registro do imaginário e o exterior que o determina”. As condições de produção dos discursos precisam ser pensados, desse modo a partir dos processos de discursivização, para Indursky (2000) tanto no momento em que são produzidos, em relação à história em que estão inscritos e a (re)significação que ocorre por grupos sociais específicos, o que aponta para a construção e uns sentidos e para o apagamento de outros, de acordo com a formação discursiva em que estiverem inscritos os grupos referidos.

Enquanto que nos homens a construção de identificação com grupos socialmente aceitos não está ligada ao caráter estético como elemento crucial determinante, nas mulheres essa dimensão associa os qualitativos estéticos à identidade sexual feminina inclusive. Nesse sentido, “a falta de esforço e de cuidados com a aparência leva a perda dessa identidade” (NOVAES, 2003, p. 29).

Nesse sentido, Novaes (idem), não basta ser uma boa mãe e esposa dedicada e profissional competente. É preciso estar com o corpo “em ordem” para que haja a valorização desses papéis perante a sociedade. A valorização do corpo ideal é levada ao extremo, em que são valorizados corpos imortalizados em *outdoors* e revistas, fofoshopadas faces e corpos irreais que precisam ser alcançados a todo custo, extrapolando os limites do próprio corpo a fim de que se possa adequar aos desejos do Outro.

A distância entre o modelo da revista e o reflexo no espelho também contribui para a dificuldade de integração. Não se trata apenas de conciliar senso de realidade e aspirações narcisistas. O que propõem as fotografias são corpos imaginários, abstratos e inatingíveis e, por

assim dizer, eternos. Não são submetidos á dor, nem ao envelhecimento, ainda menos à morte (AUGRAS, 1996, p. 44-45)

Conforme mencionamos, a ideologia tem papel fundamental na interpretação das formas de discursivização da beleza na sociedade. Ao retratar o belo a partir do discurso da falta, do imaginário construído e idealizado, podemos perceber o espelho de uma sociedade globalizada, dividida entre perdedores e ganhadores (em que os perdedores são vistos como indivíduos sem ideais) aonde os sujeitos se entregam às compulsões e exageros no intuito de construir sua identidade através daquilo que sua imagem representa para o Outro.

Enquanto para os homens os cuidados com a estética corporal não devem ser demonstrados em excesso, a fim de que não haja qualquer confusão nos códigos da imagem que deseja emitir, nas mulheres os qualitativos estéticos estão intimamente ligados à identidade sexual. A falta de esforço e de cuidados com a aparência leva à perda dessa identidade. (NOVAES, 2003, p. 29)

Na sociedade então (e no interior das formações discursivas) as mulheres constroem sua identidade no interior das limitações impostas já que não querem ser percebidas no espaço social de interação adjetivadas como “feias”. Beleza e feiura tem uma relação de proximidade, já que é no interior dos discursos sobre estas duas concepções que se vão formar os processos de (des)identificação.

Freud (1930) espanta-se com o valor excessivo atribuído à beleza pela sociedade, por que esta não proporciona aos homens nenhuma utilidade, questionando acerca do valor dessa coisa inútil sem a qual não podemos passar.

Reza o ditado que a imagem vale mais do que mil palavras! Em uma cultura com cada vez mais telas e menos páginas, as imagens passam a constituir, por si só, a realidade, ao invés de retratá-la, reproduzi-la e representa-la. A imagem toma o lugar do sujeito; e sem a perspectiva de si mesmo, haverá identidade possível? (NOVAES, 2003, p. 32)

Essa imagem que, ao invés de representar passa a ser o sujeito de representação socialmente aceito, vai construir os moldes das expectativas que a sociedade alimenta em relação à mulher no universo do imaginário sobre ela. Assim, a associação do indivíduo com a feiura passa a ser percebida com aversão, em um universo em que o corpo dentro das medidas não reflete apenas o controle de peso e o gerenciamento individual estético, mas também releva funções psicológicas e morais. A feiura então é sinônimo de uma ruptura estética, que resulta na perda da autoestima. Existe na sociedade, desse modo, discursos autorizados sobre a beleza e já configurados que se atualizam para apagar os discursos contrários a estes, bem como reforçar o caráter de obviedade que a ideologia traz à tona no interior das formações discursivas.

Creio que existe um (...) grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Dessa vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, dessa vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não

satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mas precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2010, p. 36-37)

Em acordo com os discursos aceitos sobre o corpo e a beleza (in)atingível, a questão da moralidade está imbricada em comportamentos sociais aceitos a partir de discursos que ratificam a dimensão ética. Em relação a isso, podemos caracterizar a feiura enquanto desvio moral, pois deixar-se feia é considerada má conduta, que pode resultar na exclusão social. Desse modo, mudar seu corpo é mudar sua vida. A reconfiguração da imagem que a mulher possui em relação à sociedade torna-se determinante para sua identificação dentro de grupos sociais de prestígio. Beleza e status andam juntos. Os discursos que tomam a mulher como bem-sucedida se voltam para a representação do eu em relação ao desejo de outrem.

5 Aspectos conclusivos: reticências e contribuições

Consideramos que, enquanto objeto de pesquisa, nenhum assunto jaz concluído nos compêndios acadêmicos. Antes disso, se abrem janelas para outras reflexões e a partir das contribuições, se redirecionam questionamentos pertinentes e se propõem outros, a fim de que a pesquisa possa receber contribuições e deslocamentos com novas abordagens sobre temas que nos atravessam enquanto sujeitos (re)significados na linguagem e na história.

O que aqui se propôs foram reflexões acerca do universo das sociabilidades atuais e de representações sociais sobre a estética do feminino enquanto unidade de representação. Procuramos desconstruir essa “unidade”, através de uma interface entre os estudos culturais e os estudos discursivos, através do conceito de identidade ligado aos processos de identificação-afastamento de características culturais do outro, no instante de (des)pertencimento a outro grupo social.

Aqui destacamos o corpo enquanto *locus* que remete à enunciação das discursivizações daquilo que é preciso para que este atenda o desejo do outro. Também refletimos sobre a formação do imaginário em relação à mulher para entender quais as consequências resultam dessa ânsia de muitas mulheres atuais em atender os padrões estéticos do corpo, no que se refere às formações identitárias. Aqui ressaltamos que a afirmação de ser bela resulta na negação e no apagamento dos efeitos de exclusão que isso gera.

Finalmente, torna-se mister recuperar esses apagamentos para entender a busca desenfreada pelo corpo inatingível, tão idealizado a ponto de se tornar mítico, irreal, na construção de um corpo que está na imagem, no *outdoor* e que não remete às reais condições de padronização, que aproximam os sentidos de um corpo aprisionado, enquanto resultado de afirmação de discursos que constata a contínua falta. Se antes as roupas aprisionavam, agora o espalho das mulheres é o próprio corpo, na justeza das próprias medidas. Desse modo, podemos perceber que os discursos ligados ao corpo foram se (re)configurando no interior das formações ideológicas que circulam

na atualidade, a fim de “tornam óbvia” a padronização de um modelo de beleza que exclui, limita e diminui a estima de muitas mulheres que não se ajustam a ele.

Referências

- ALÓS, A. P. Em busca de um percurso singular de sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico na análise do discurso. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC. v. 4, n. 2, jan/jun 2004, p. 489-512.
- ALTHUSSER, L. **Posições- 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BAKTHIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Huicitec, 1986.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pretince Hall, 2002.
- COURTINE, J.J. OS stakhanovistas do narcisismo. In SANTANNA, D.B. (org.) **Políticas do corpo**: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DANIELS, M.C. **Traços físicos, imagens sociais**: representações da feiura. Dissertação (Mestrado) Unicamp, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault ; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo : Loyola, 2010.
- FREUD, S. O mal-estar da civilização. In: FREUD, S. **Edição eletrônica das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1930/2000.
- INDURSKY, F. **A fala dos quarteis e outras vozes**. Campinas: Unicamp, 2000.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NOVAES, J. Da cena ao corpo ao corpo em cena: estética feminina e cirurgia plástica. In: CASTILHO, K. ; GALVÃO, D. (orgs.) **A moda do corpo e o corpo da moda**. São Paulo: Esfera. 2002, p.
- NOVAES, J. V. VILHENA, Junia de. De cinderela a moura-torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. In: **Interações**. vol. VIII. nº 15, jan/jun 2003, p. 9-36
- PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Textos selecionados. Trad. Eni Orlandi. 2ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- SANTOS, Luciano dos. “As identidades culturais: Proposições conceituais e teóricas”. In **Revista Rascunhos Culturais**: Coxim/MS, v. 2, jul/dez. 2011, p. 141-157.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

STROZEMBERG, I. **De corpo e alma**. Rio de Janeiro: Contemporânea, 1986.

ZANDWAYS, Ana. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso**. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-graduação em Letras, 2009.

Artigo recebido em: 27 de outubro de 2012

Aprovado em: 01 de fevereiro de 2013